

TEMPOS URBANOS E EVANGELIZAÇÃO.

Olhares sobre os contextos, os desafios e riscos e as tarefas.

Ênio José da Costa Brito*

Construir a cidade, lugar de existência dos homens [das mulheres] e das suas comunidades ampliadas, criar novos modos de vizinhança e de relações, descortinar uma aplicação original da justiça social, assumir, en-fim, o encargo deste futuro coletivo que se prenuncia difícil, é uma tarefa em que os cristãos devem participar.
(Octogesima Adveniens, Paulo VI, n.12)

Resumo:

Neste texto o autor discute os desafios atuais das cidades às igrejas cristãs. O seu percurso passa, inicialmente, pela análise de alguns aspectos da história das cidades com vistas a compreender os grandes desafios cidades atuais. No segundo momento, o autor reflete sobre a evangelização da cidade tendo em conta a diversidade de sujeitos presentes nela. Na última parte do texto, ele apresenta a evangelização como um esforço das igrejas de irem em busca dos novos sujeitos existentes nas cidades.

Palavras-chave: Cidade, Metrópole, Igreja, Igreja católica. Evangelização.

Abstract:

In this text the author discusses the current challenges cities pose to Christian churches. Its path begins with the analysis of some aspects of the history of cities, aiming to understand the great challenges of today's cities. In a sec-

* Ênio José da Costa Brito é doutor em Teologia pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma. Professor Titular do Programa de Ciência da Religião da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Vice-Coordenador do Centro de Estudos Culturais Africanos e da Diáspora da PUCSP (CECAFRO). Líder do Grupo de Pesquisa: Veredas: Imaginário Religioso Brasileiro.

ond moment, the author reflects on the evangelization of the city taking into account the diversity of subjects inhabiting it. In the latter part of the text, he presents evangelization as an effort by churches to go in search of the new subjects in the cities.

Keywords: City, Metropolis, Church, Catholic Church, Evangelization.

Autran Dourado é um escritor à procura do mito, seus romances recriam mitos milenares. *É essa preocupação e obsessão pelo mito que faz com que Autran Dourado não seja um escritor mineiro. Para não espantar muito, mudo um pouco a afirmação, não seja simplesmente um escritor mineiro*, na expressão de Flávio Moreira da Costa. É o mito e em última instância o tempo que marcam indelevelmente as páginas dos 25 livros publicados por este artesão da palavra. Nas suas obras, a palavra ganha ressonâncias e reentrâncias múltiplas. Passa, a ser mágica e em sendo mágica aproxima-se do mito.

¹Na preparação deste artigo contei com a ajuda do Prof. Dr. João Décio Passos, teólogo e sociólogo, profundo conhecedor das questões urbanas. Sem sua ajuda substantiva, este texto não teria sido finalizado. Agradeço de coração a sua partilha generosa.

A referência a Autran Dourado na abertura deste artigo¹ é prenhe de significados, pois dele vem o convite para darmos o nosso primeiro passo. O romance, intitulado *Opera dos mortos*, no qual nos relata a história de Rosalina, inicia com um convite: *O Senhor, querendo saber, primeiro veja*. Não se trata de um olhar qualquer, superficial, mas de um olhar por dentro, em profundidade, em suma, de conhecer profundamente.

Daí, reiterarmos o convite para se olhar a cidade, a metrópole em profundidade, procurar mergulhar nas tramas do seu cotidiano, tentar compreender as práticas engendradas por seus diversos atores sociais, suas experiências vivenciadas no espaço urbano. São *conditio sine qua non* para se pensar uma pastoral urbana. As palavras da Esfinge ressoam num alerta: *decifra-me ou devoro-te*, dizem as cidades para as igrejas.

Não foi outro, o desafio acolhido por Paulo, ao anunciar a Boa Nova nas cidades gregas. Para ser ouvido e acolhido na realidade urbana, ele repensou com criatividade as estruturas religiosas, a linguagem de modo que os pagãos pudessem compreender e experimentar uma nova maneira de viver, pudessem experimentar novas formas de vida. Coragem que rendeu bons frutos para a Igreja primitiva.

1. O contexto metropolitano.

Nossa época de mudanças tornou-se uma mudança de época. (Edgar Morin).

Por experiência, sabemos que a vida na metrópole, acumula os efeitos mais dramáticos da crise social, os processos de segmentação socioterritorial em curso separam as classes e os grupos sociais, que vivem em espaços de inclusão ou exclusão, de abundância de recursos ou de carências de recursos.

Faz-se necessário, iniciarmos, derrubando um mito tão em voga nas décadas de 1980 e 1990, mas que ainda permanece em muitos corações e mentes, o *mito da descentralização territorial*. A metrópole continuou concentrando o poder econômico, político e religioso. Dito de outra maneira, o modo de vida metropolitano com sua decorrente expansão como cultura urbana demarca uma fase histórica, que para muitos soa como definitiva.

Por estranha que possa soar essa afirmação, não se evidencia, hoje, condições materiais de qualquer retrocesso nesse *modus vivendi* e mesmo de construção de modos de vida realmente alternativo.

A metrópole concretiza a modernidade avançada e decadente, assimétrica e sacrificial; revela as contradições de maneira inequívoca e confirma a centralidade do sujeito nos processos de busca e de realização dos desejos de satisfação – não se pode esquecer que os desejos humanos são infinitos e os recursos do planeta finitos. Se o mundo, se a economia-mundo não é metropolitana em sua globalidade, vive, no entanto, daquilo que a grande cidade produz em termos materiais e simbólicos.

Como pensar as cidades, as metrópoles no bojo da segmentação social em curso e das nefastas conseqüências para seus habitantes? Convêm repetir, as metrópoles brasileiras concentram hoje, a questão social nacional e expressam o aprofundamento da divisão entre Sociedade, Economia, Estado e poderíamos acrescentar Igrejas. Como pensar as cidades, com todas as suas potencialidades e possibilidades?

Pode-se descrevê-las tendo presente seu processo de formação histórica. A história das cidades coincide com a história das civilizações. Pode ser entendida, como a história do modo de produzir a realidade (apropriação e expropriação do espaço) e de representar a mesma realidade (interpretação do espaço e do tempo, realizada pela arte, pela literatura e, sobretudo, pelas religiões).

Abre-se a possibilidade de entendê-la num duplo viés, o material e o cultural, distintos, mas intimamente relacionados. *Um olhar retrospectivo para alguns momentos de nossa história* pode ajudar-nos a compreender a constituição das

cidades como mercado tanto das mercadorias, quanto da força de trabalho.

Na impossibilidade de refazer toda a nossa história, fiz dois recortes que julgo serem significativos para nossa temática.

Período colonial.

Uma condição para se entender as cidades coloniais do Brasil e da América Portuguesa é superar a visão estática que se tem delas. Deve-se pensar as *cidades em movimento*. Vale a pena lembrar que as cidades brasileiras no período colonial e imperial receberam durante 300 anos, milhares de escravizados, arrancados das mais diversas regiões da África.

²O Visitador Heitor Furtado de Mendonça desembarca na Bahia, em 1591, imbuído da missão de organizar e homogeneizar a vida cristã na Colônia. Durante os anos de 1591 e 1592, procura indícios de heresias e examina as práticas religiosas da Colônia.

O livro, *Confissões da Bahia*, o mais raro e instigante livro da visitação do Santo Ofício,² reeditado em 1997, pela Companhia das Letras, na coleção Retratos do Brasil, nos dá idéia dos *Tempos urbanos ao longo do tempo*, confirmando a mobilidade presente nas cidades brasileiras.

O texto ao reunir 121 depoimentos de colonos, homens e mulheres de variada condição social, que no século XVI, habitavam a cidade de Salvador, sede do Governo-Geral do Brasil, ressalta a mobilidade humana.

Um dado que chama a atenção, já na leitura dos primeiros depoimentos é o da procedência da população colonial. Gente de toda a parte: franceses, ingleses, espanhóis, portugueses e gregos em intensa miscigenação com a população nativa e africana.

Nicolau Luís era francês, como Pero da Vila Nova que fez sua confissão no tempo da graça, em 17 de janeiro de 1592, casado com Leonor Marques Mendonça cristã-velha (C., 191); Miguel de Roxas Moralla, castelhano (C., 187); Cristóvão de Sá Betancourt, português, natural de Lisboa (C., 209). Muitos deles antes de se fixarem na Bahia tinham estado em várias partes da Colônia. Alguns tinham morado no Espírito Santo, outros em São Vicente, Rio de Janeiro e Pernambuco.

A historiografia recente resgatou a mobilidade presente nas cidades coloniais, gradualmente, tomou consciência dos múltiplos movimentos tanto geográficos quanto sociais dos vários grupos que compunham o tecido colonial.³ Mobilidade ocasionada pela busca de trabalho que ao longo de nossa história, sempre acompanhou as transformações econômicas. Essa mobilidade, presente já no período colonial e imperial, só tem aumentado ao longo do tempo!

³Ver o instigante livro de S. de C. FARIA. *A Colônia em movimento: fortuna e família no cotidiano colonial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

Década de 30.

Na década de 1930, avançava-se, rapidamente para uma profunda divisão social do trabalho em direção à industrialização, tem-se a emergência do modo de produção de mercadorias, isto é, o capitalismo como modo de produção dominante, ainda que, não exclusivo, mas que redefine, inclusive, o papel das outras formas de organização da economia e da sociedade, em seu favor. *Ele será simultaneamente industrial e urbano, mais intensamente urbano que industrial, mais politicamente urbano que industrial*, nas palavras de Francisco de Oliveira.⁴

A acumulação industrial dispara e como um ímã atrai para cidades um extenso exército de mão-de-obra. O campo continua produzir mercadorias da cesta de consumo dos novos habitantes da cidade, a migração campo-cidade multiplica o tamanho das cidades.

Esse conjunto de fatores, que se fusionam no histórico e no estrutural, explodem as cidades: o crescimento urbano se dá décadas seguidas a taxas médias acima de 5% para todo o país, e aparecem da noite para o dia as grandes cidades brasileiras com sua tendência incoercível ao gigantismo.⁵

Temos, hoje, imensos contingentes humanos *parqueados*, desculpem o neologismo, nas metrópoles.

A urbanização da economia e sociedade brasileiras nada mais é senão a extensão a todos os recantos e setores da vida nacional, das relações de produção capitalista, neoliberal. Poder-se-ia perguntar, pode o Estado solucionar o problema do transporte urbano? Pelos recursos econômicos que dispõe, pode; mas se esses recursos são provenientes da produção automobilística, então não pode. Pode o Estado solucionar o problema do desmatamento, da poluição industrial, tendo tanto chão nesse país, pode; mas se o chão da pátria não é chão, mas capital não pode.

Uma segunda visão da metrópole é a cultural, que a impulsiona em suas relações. A cultura, como um conjunto articulado de significados, permite aos sujeitos, às imensas massas humanas, presentes na Metrópole pensarem suas práticas e construir posicionamentos distintos na história.

Vamos olhar uma vez mais para nosso passado, agora sob a ótica cultural, nossa atenção se concentrará uma vez mais na experiência diaspórica vivida pelos escravizados que vieram para o país. *O tráfico Atlântico, por séculos, edificou uma permanente e eficiente ponte cultural entre a África e o*

⁴F. de OLIVEIRA. O que é o urbanismo no Brasil: curto ensaio. In: Ernani PINHEIRO (Org.). *Pastoral Urbana*. São Paulo: Paulinas, 1980, p. 10.

⁵Ibidem.

⁶L. F. de ALENCAS-TRO. *O trato dos viventes: a formação do Brasil no Atlântico Sul*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

⁷S. A. da SILVA. *Virgem, Mãe, Terra*. Festas e tradições bolivianas na metrópole. São Paulo: Hucitec, 2003, p. 231.

⁸Ibidem.

⁹Para uma visão mais ampla, ver Ê. J. da C. BRITO. Desafios para a construção de uma epistemologia do Sul. In R. E. ZWETSCH (Org.). *Conviver*. Ensaios para uma teologia intercultural latino-americana. São Leopoldo: Sinodal / EST, 2016, p.143-155.

Brasil. Não se pode esquecer que o tráfico teve um papel fundamental na formação do Brasil. Para Alencastro, este trato (comércio) de viventes (pessoas) constituiu não só a sociedade brasileira, mas a sociedade escravista sul-atlântica.⁶

Ponte menor, mas, não menos significativa é hoje edificada pelas centenas de latino-americanos, haitianos e mais recentemente venezuelanos que chegam na cidade do São Paulo, trazendo seus padrões culturais e religiosos. No mês de agosto, por exemplo, os imigrantes bolivianos e não são poucos, realizam em São Paulo um ciclo de festas em homenagem à Virgem de Urkupiña e à Virgem de Copacabana (padroeira da Bolívia).

Os pesquisadores, ao acompanhar de perto as celebrações afirmam:

o que observamos não é o desaparecimento do sistema de crenças como um todo mas permanência de estruturas profundas, as quais emergem e se expressam espontaneamente em diferentes momentos festivos ou não, por meio dos gestos, porque tais estruturas estão ancoradas no inconsciente coletivo. O que muda, na verdade, são os significados que tais gestos e práticas adquirem num novo contexto sociocultural.⁷

Em outras palavras, estamos diante da permanência e ressignificação da cultura entre os bolivianos de São Paulo. As festas marianas entre os bolivianos, além de serem festas em louvor a Virgem Maria, são expressão de uma identidade social dos bolivianos.

Transportando essa religiosidade para São Paulo, as festas reafirmam a identidade de um grupo num contexto diferente.

A reprodução dos ciclos de festa e as organizações sociais criadas por eles em São Paulo são uma expressão de que o Brasil é a sua nova pátria... Nesse sentido, a consciência da condição de imigrante tende a aumentar à medida que o grupo se abre à sociedade local e se preocupa com sua auto-imagem, acentuando cada vez mais os sentimentos de uma ampla pertença, ao Brasil e a Bolívia.⁸

Breve, esta primeira parte, mostrou-nos o espaço metropolitano marcado pela mobilidade, por contradições e pela interculturalidade.⁹

2. A evangelização da cidade: pré-requisitos e riscos.

Ação pastoral da Igreja é sempre um desafio, um projeto de construção que envolve o diálogo entre sujeitos distintos e, muitas vezes distantes. No processo evangelizador, a dialética entre graça e liberdade se faz presente, como pano de fundo e envolve em sua dinâmica as relações interindividuais e intergrupais, de forma que, ignorar a liberdade do outro é bloquear a graça salvífica. Qualquer projeto de evangelização para as metrópoles deverá considerar a diversidade dos inúmeros agentes sociais e a pluralidade de espaços produzidos por eles.

Sem dúvida, a eficácia da ação pastoral reside no modo como se processa a relação entre os sujeitos, dito de outra maneira, reside no diálogo entre os sujeitos e não na afirmação de um dos pólos como portador da verdade. O dogmatismo afirma o pólo da Igreja como portador da verdade, o relativismo afirma que o outro é o único critério de compreensão e ação eclesiais, cristalizando qualquer relação entre os pólos.

A busca da verdade na relação de respeito entre os sujeitos, constitui, certamente, o caminho da Boa Notícia, quando na prática concreta do Amor se conhece a Deus (1Jo), quando a comunidade eclesial se edifica (1Cor) e quando a Igreja é constituída (At).

A história da Igreja testemunha, que a relação entre as diferenças é constitutiva da tradição cristã nos aspectos doutrinários, litúrgicos, morais e institucionais. A operação ideológica (auto-afirmação e auto-justificação) da retrojeção (*sempre foi assim*) não condiz com a história real.

O cristianismo nasceu universal (sem referências geográficas, institucionais e étnicas previamente fixadas) e, portanto inserido no processo de construção histórica. As palavras de ordem que costumam demarcar as opções eclesiais (implantação, atualização, refontalização, inculturação, etc.) são apenas modos diferentes de a Igreja expressar suas dinâmicas de inserção histórica, ainda que em conjunturas muito distintas.

Portanto, falar de evangelização da metrópole constitui algo essencial à concepção e à prática cristã, processo pelo qual a Igreja expressará sua autocompreensão e, certamente, na longa duração, sua própria transformação.

Aquilo que a Igreja pensa de si e aquilo que pensa do mundo se relacionam intimamente, mesmo que não seja manifestado consciente e voluntariamente. Senão vejamos, o medo do

¹⁰Para acompanhar de perto a instalação de uma pastoral do medo no seio da cristandade, ver J. DELUMEAU. *História do medo no Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. Nesse estudo clássico, o medievalista e professor no Collège de France investigam os temores mais disseminados no Ocidente do século XIV ou século XVIII.

mundo produz uma Igreja resistente ao mundo, uma visão positiva do mundo produz uma Igreja aberta ao mundo.¹⁰

A visão da metrópole se relaciona à visão da Igreja e a sua autocompreensão. É fundamental perguntar, portanto, o que a Igreja, o que nós pensamos da cidade e sua gente: realidade que se opõe ou que desafia? Realidade que se mostra harmônica ou como contraditória? Como anonimato ou como sujeitos? Como diversidade contraditória ou como uma singularidade sociocultural?

A Igreja tem uma postura ambígua em relação à metrópole: ora nega as cidades como ambiente oposto ao eclesial, como hostil e perigoso, ora adota os mecanismos da metrópole e reproduz seus valores.

Uma Igreja aut centrada vê a metrópole a partir de si (eclesiocentrismo) e busca afirmar-se em sua identidade institucional, tanto nos seus discursos, quanto no exercício do poder clerical. Por mais paradoxal que possa parecer uma Igreja voltada para suas entranhas, fechada ao mundo, se apresenta como um *produto* capaz de atender desejos de homens e mulheres metropolitanas. É quando num passe de mágica, o dogmatismo se apresenta como *graça* e o comunitarismo atrai o individualismo.

Não é difícil constatar que, muitas Igrejas cristãs tem reproduzido de forma curiosa uma espécie de complementariedade entre esses dois modos de processar a convivência social na grande cidade: comunitarismo e individualismo.

Mantem, por um lado, o indivíduo anônimo e consumidor cada vez mais igualizado dos mesmos produtos, desejosos dos mesmos bens e sonhadores dos mesmos sonhos de bem estar imediato e, por outro lado afirma modos de vivência e organização eclesial fechados em sua identidade (sectária, fundamentalista e integrista).

A comunidade de adeptos se fecha como comunidade de discípulos, como comunhão e se apresenta ao mundo como testemunho, porém numa oferta sempre mais espetacular que busca atingir virtualmente as massas pelos meios virtuais.

A cultura de consumo possui precisamente essa dinâmica: transformar em produto todas as formas de organização, liquidificar os valores que vão sendo oferecidos como solução, estetizar o que fora opção ética.

Nessa lógica e dinâmica a Igreja pode tornar-se mais um produto interessante, que vem ao encontro do eu consumidor cativo que busca a satisfação mais intensa, porém sem ter que assumir seu protagonismo como sujeito histórico.

3. Em busca dos muitos sujeitos

Tendo presente que, *Os tempos urbanos* contêm em si outros tempos, tempos vividos por levas de pessoas que buscaram a metrópole na esperança de dias melhores, as Igrejas desejosas de abrirem um diálogo com estes agentes sociais necessitam urgentemente assumir alguns desafios-tarefas.

A variedade espacial faz com que os indivíduos se mostrem em suas múltiplas faces, o que permite manifestá-los do anônimo ao público, do massificado ao livre. Nem o comunitarismo e nem o individualismo poderá construir a metrópole mais justa e mais solidária, capaz de ir superando as contradições que a estruturam sob todos os aspectos, que nos falava Paulo VI na *Octogesima Adveniens*. O desafio para a evangelização será: *reproduzir* os mecanismos que mantêm a metrópole atual ou *produzir* uma outra metrópole?

O comunitarismo se mostra como agremiação intransitiva que tende a negar o seu entorno como realidade positiva. O individualismo é a peça necessária para a massificação do mercado que renova incessantemente seus produtos e produz um ciclo vicioso da busca permanente da satisfação. É narcisista, hedonista e prisioneiro do mercado.

A fé cristã se apresenta como um caminho de vida para sujeitos livres e responsáveis; sujeitos que sabem de seus limites e de suas possibilidades. Os comunitarismos geram infantilismo, sobretudo em tempos de ortodoxia sempre mais radical e de fundamentalismos. O individualismo reduz as pessoas à passividade consumista. A subjetividade possibilita a adesão livre de fé e sua ação na história.

Portanto:

- As contradições da metrópole clamam por uma igreja capaz de variados modos de inserção sócio-espacial; uma igreja capaz de superar suas formas consolidadas de se estruturar no espaço (quase sempre espaço fixo) e seus lugares de presença mais comum (quase sempre relacionados com urbanidade, centro da cidade, áreas mais seguras). Ou nas palavras proféticas do Papa Francisco, uma *Igreja em saída*.

[...] prefiro uma Igreja acidentada, ferida, enlameada por ter saído pelas estradas a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa em um emaranhado de obsessões e procedimentos (*Evangelli Gaudium*, n. 49).¹¹

¹¹FRANCISCO. *Exortação Evangelii Gaudium*. São Paulo : Paulinas. 2013.

As pastorais ambientais têm um papel fundamental nessa presença. Certamente a nota constitutiva da Igreja *católica* não pode significar uma universalidade genérica e supra-espaçial, mas ao contrário, a capacidade de se inserir empaticamente em todos os ambientes que comportam o contexto metropolitano;

- Os múltiplos sujeitos metropolitanos solicitam da parte da igreja um diálogo efetivo que seja capaz de dialogar com seus anseios mais profundos. A mensagem ética do cristianismo não pode ser estetizada como mais um produto endereçado a satisfazer os anseios de bem-estar do metropolitano. O cristianismo é portador de uma mensagem de sentido para a dor e o sofrimento inerentes à existência humana, que permite mostrar os limites do desejo de bem-estar e solidarizar-se com os que sofrem. O juízo final da fé cristã está associado à solidariedade com o sofrimento e não com soluções de problemas individuais e com satisfação material e espiritual;

- A ética cristã deve apresentar-se como um projeto para a metrópole: como anúncio de um futuro para a humanidade (reserva escatológica que supera o ciclo vicioso do bem-estar imediato), busca da cidade justa e fraterna (que supere as contradições sociais inerentes ao espaço metropolitano), como lugar da liberdade (e não de massificação), como espaço solidário (que supere o anonimato) e como espaço de construção do futuro. A ética cristã é fundamentalmente uma ética da vida: ética da vida misericordiosa, inclusiva, anti-idolátrica e ecolibertadora.¹²

¹²Cf. L. A. de MATOS. A Ética da vida misericordiosa, inclusiva, anti-idolátrica e ecolibertadora. In: W. L. SANCHEZ; E. FIQUEIRA, (Org.) *Uma Igreja de portas abertas*. Nos caminhos do Papa Francisco. São Paulo: Paulinas, 2016, pp. 171-181.

Eclesiologicamente falando, faz-se necessário uma revisão permanente da missão evangelizadora. A identidade das Igrejas (o seu ser) e suas configurações históricas deitam raízes, derivam da missão. As Igrejas, que se deixam plasmar pelas necessidades evangelizadoras, tornam-se sensíveis aos *outros tempos* presentes nos *tempos urbanos*, tornam-se sensíveis principalmente às *bordas* das metrópoles.

Deslocamento revelador de uma mudança no projeto evangelizador: evangelizar não é incorporar pessoas em estruturas institucionais acabadas, mas criar condições para que sujeitos urbanos incorporem a mensagem evangélica em suas vidas e em suas relações. Ao anunciar a mensagem, não esquece nunca que está diante de pessoas inseridas no espaço e no tempo, isto é, contextualizadas.

Nesse deslocamento, as veredas a serem trilhadas são profundamente humanas. O mote é sempre aquele formulado com precisão por Irineu de Lyon: *A glória de Deus é o ser humano vivente*. Irineu resgata com fidelidade, toda um

tradição bíblica, que ainda hoje permanece de uma atualidade espantosa.

Temos consciência que: a proposta cristã traz no seu bojo resposta para homens e mulheres que vivem nos grandes centros urbanos, temos consciência, também que o cristianismo não é o único portador dessas respostas.

A mensagem cristã em si mesma e no que tem de fundamental é potencialmente universal, isto é, em princípio, ele deve poder ser acessível a todas as culturas. Ideal que nunca foi atingido, como os fatos históricos nos mostram à saciedade. Na verdade,

houve uma identificação substancial e diuturna da Igreja [das Igrejas Cristãs], como instituição, com os postulados culturais da civilização ocidental e com inúmeros pormenores de sua expressão. As estruturas de comunicação da mensagem cristã foram plasmadas pois, sempre mais fortemente, de acordo com os sistemas simbólicos ocidentais e em consonância com os padrões intelectuais do Ocidente.¹³

Na essência da fé cristã reside a afirmação de que o cristianismo é um carisma que se constrói na história, na medida que professa a fé no Espírito do Ressuscitado que no tempo atual edifica a comunidade.

Um carisma vivo (O Ressuscitado presente na comunidade com seu dom Salvífico) que é administrado pela Ecclesia (por meio de discursos, gesto e normas estabelecidas como tradição) e que vai sendo transmitido no decorrer do tempo (e construindo a tradição da fé).¹⁴

O cristianismo é essencialmente utópico (Aliança, Reino de Deus), é portador de um elemento de esperança (a ressurreição de toda a carne). Traz nas suas entranhas algumas perspectivas revolucionárias: a nova aliança, a lógica da inclusão e a força dos fracos. Nosso Deus não só assumiu mas faz uma aliança definitiva com o diferente.¹⁵

Esse deslocamento revela-nos que a alteridade é um pressuposto básico, que abre caminhos para se chegar às *bordas* e aos *outros tempos*. O reconhecimento da alteridade traz consigo a credibilidade de qualquer projeto evangelizador proposto para as metrópoles.

No século XXI, somos todos convidados a renunciar ao *Deus metafísico, distante e patriarcal, e peregrinar em direção* a um Deus humilde, em *kénosis* encarnado que habita o

¹³M. de C. AZEVEDO, *Modernidade e Cristianismo*. O desafio da in-culturação. São Paulo: Loyola, 1981, p. 45.

¹⁴J. D. PASSOS, *As Reformas na Igreja entre o Carisma e a Instituição*. In W. L. SANCHEZ e E. FIQUEIRA (Org.) *Uma Igreja de portas abertas*, op. cit. p.138.

¹⁵Cf. L. BOFF. *Nova era: civilização planetária. Desafio a sociedade e ao Cristianismo*. São Paulo: Ática, 1994.

¹⁶Ê. J. da C. BRITO. O cristianismo e a civilização planetária. In J. J. QUEIROZ (org.). *Interfaces do Sagrado*. Em vésperas do milênio. São Paulo: Olho d'Água, 1996.

mais profundo de nós mesmos. Caminhar na direção de um Deus maternal, gerador de vida. Este sim poderá livrar-nos da violência fratricida e reavivar nossa fraternidade e sororidade adormecida pela rotina do dia-a-dia metropolitano.¹⁶